

5 Análise das entrevistas

Somente as impressões numinosas conservam sua simplicidade original, ou seja, sua unidade, que nos dá ainda uma noção do “unus mundus”

Jung, (08.06.1959), 2003, p. 217

O únicos critérios estabelecidos para a escolha dos entrevistados foram: ter bebido Vegetal no âmbito da UDV e declarar ter experimentado o contato direto com o sagrado – o que pode ser compreendido como ter tido burracheira. Não me ative a quesitos como tempo de associado, lugar ocupado na hierarquia da instituição, idade e sexo¹⁶. Entendo, que ao concentrar a investigação na experiência particular de encontro com o sagrado, estas características não se afiguram tão relevantes, pois existem pessoas que dizem ter alcançado revelações profundas logo na primeira ocasião em que beberam o chá. Em contrapartida, existem pessoas, que mesmo pertencendo à religião há muitos anos, não obtém sequer um vislumbre de tais revelações.

Os depoimentos cedidos foram belos e elucidativos, os entrevistados procuravam traduzir em palavras a riqueza e a profundidade de suas experiências. Mas, quando perguntava às pessoas: “o que é a burracheira ?” invariavelmente a tentativa de definição terminava assim: “não dá para explicar, só sentindo para saber”. Essa impossibilidade de descrever a amplitude da experiência da burracheira independente do grau de instrução, é o reflexo da inefabilidade dos eventos místicos, ressaltada por William James (1995). Sua completude pertence ao campo irracional do sentimento, tudo o que se pode trazer dela através de palavras é uma leve alusão com o auxílio de predicados, como enfatiza Rudolf Otto.

¹⁶ No anexo podem ser encontradas os dados dos entrevistados referentes à idade, sexo, tempo na UDV, lugar ocupado na religião e grau de instrução.

Muitos elementos que contém podem ensinar-se, isto é, transmitir-se por meio de conceitos, traduzir-se numa forma didática, exceto precisamente o sentimento que lhe serve de fundo e de infra-estrutura. Só pode ser provocado, excitado, despertado.

Otto, 2005, p.89

Inclusive, traduzir a burracheira em palavras, sejam escritas ou faladas não costuma ser uma preocupação dos sócios. A UDV não produziu registros escritos, que falem sobre a experiência íntima na burracheira destinado ao público não pertencente à religião. As experiências costumam ser guardadas para si como acontecimentos íntimos partilhados com poucos (quando partilhados). O único registro escrito à disposição do grande público relatando uma experiência na UDV do qual tive conhecimento, está contido na autobiografia do músico inglês Sting, *Broken music* (2004). Eu já havia sido informada, que em suas vindas ao Brasil o músico costumava beber o Vegetal na UDV, tendo inclusive presenciado uma sessão da qual ele participara. Segundo Sting, a experiência vivida na UDV o fez recordar de acontecimentos e detalhes de sua vida há muito esquecidos, o que o motivou a escrever uma autobiografia. Embora o depoimento de Sting seja material biográfico secundário, seu relato é rico e bem elaborado, de modo que não pude resistir ao impulso de usá-lo como uma ilustração, ao lado das entrevistas obtidas com os sócios (material biográfico primário).

5.1. A busca

Segundo Jung (2002), a demanda pela experiência direta com o sagrado é vista como um retorno e não um retrocesso às origens do relacionamento do homem com o mundo espiritual. É um movimento que se assemelha a uma espiral ascendente, que foi obstruído pelo crescente racionalismo e materialismo reinantes em nossa época.

Jung acreditava, que muitos dos seus pacientes adoeciam por falta de ligação com os mitos e com o universo sagrado, ou seja, por falta de contato com o inconsciente eram “pessoas que haviam perdido a fé” (Jung, 2002, p.128).

Pessoas como as citadas por Jung (2002), readquirem o equilíbrio psíquico quando esta ligação é restabelecida. É como um renascimento para uma nova realidade mais satisfatória. É o caso dos “nascidos duas vezes”, descrito por James (1995). Otto (2005), por sua vez, afirmou que o espírito do homem é dotado de um “instinto religioso”, uma predisposição da razão humana para a experiência do sagrado.

Os depoimentos apresentados neste trabalho foram cedidos por pessoas, que se encaixam no perfil descrito pelos três autores citados acima, ou seja, apresentam uma certa necessidade de contato direto com o sagrado. Para me referir a esta necessidade, usarei o termo “demanda numinosa”.

O fato de uma pessoa propor-se a conhecer uma religião, que faz uso de um enteógeno já denota a existência da busca por algo diferente do que é normalmente oferecido como relacionamento com o sagrado, pelas religiões mais difundidas na cultura ocidental. É comum ouvir respostas vagas como: busca de algo mais, algo que preencha uma certa lacuna. Para suprir a necessidade de ligação com o sagrado, grande parte dos entrevistados já denotavam algum tipo de busca espiritual antes de conhecer a UDV, algo que proporcionasse uma experiência direta com o mundo espiritual.

Desde muito jovem, 12 anos eu identificava uma busca pelo transe. Também tinha muitos questionamentos pela condição humana. A justiça só veio a ser compreendida pela reencarnação. Foi isso o que pesou consideravelmente para buscar outros lugares fora da Igreja Católica. (C).

Algumas pessoas freqüentavam lugares, que já ofereciam alguma aproximação dos fenômenos ditos ocultos, como Centros de Umbanda e Terreiros de Candomblé, onde pode-se observar o que seria a manifestação de entidades espirituais. Mas, para elas esta aproximação ainda se afigurava insuficiente. Nestas religiões o médium vive o fenômeno, mas o consulente não.

Freqüentava muitos lugares espiritualistas, esoterismo, Candomblé que eu fui com ela... Ai eu ouvi falar a respeito do chá por alguém que tinha bebido com os índios no Peru. (D)

Eu fui coroinha, participava da missa, arrumava a roupa do padre. Durante muito tempo eu fiquei voltado para a macumba, para a Umbanda de linha branca. Sempre gostei de conversas sobre o oculto. O mais importante é o invisível aos olhos. (I)

Alguns dos entrevistados, que faziam uso de álcool e drogas ilícitas relatam que com esta prática procuravam de certo modo alcançar um estado alterado de consciência.

Ele (o pai) já freqüentava a União e achou que eu devia vir. Mas eu sempre dava uma desculpa. Eu bebia muito, estava sempre bêbada e nunca ia. (B)

I'd only ever had a passing, superficial interest in recreational drugs, but taking ayahuasca had been described to me as a deeply serious and life-changing experience, and one that I now considered myself ready for.

Sting, 2004, p.7

Após encontrarem um caminho julgado seguro para suprir a demanda numinosa, estas práticas foram abandonadas.

Eu nunca usei drogas na minha vida, mas bebia muito mesmo. O engraçado, é que quando eu estava esperando para beber o Vegetal, parei de beber um mês antes, sem que ninguém me dissesse que eu tinha que fazer isso. Eu senti, foi como se, quando uma coisa estivesse se aproximando, a outra fosse se afastando... (P)

Alguns já abandonaram as drogas antes mesmo de conhecerem a UDV. Chegaram à conclusão de que as drogas não proporcionavam a transcendência desejada, além se serem prejudiciais à saúde física e mental.

Eu, quando cheguei, já tinha dez anos que tinha parado de cheirar. Eu não vim para largar o vício, vim para conhecer as coisas da vida espiritual. (I)

Eu tive uma experiência com drogas antes de eu conhecer a E. Quando eu cheguei na União, eu já não bebia, não fumava. Eu já estava casado, já tinha o meu filho mais velho. Aí, foi interessante... Eu pensei “esse barato é legal, liga com o Sagrado, um contato direto com Deus”. (D)

Apesar de defender o uso do óxido nitroso como meio de alcançar “uma autêntica revelação metafísica” (1995, p. 242), James reconhece o uso do álcool como uma busca fracassada pelos estados místicos.

O poder do álcool sobre o gênero humano deve-se, por certo, à sua capacidade de estimular as faculdades místicas da natureza humana (...) as vagas aparências do que todos reconhecemos por excelente só nos devem ser concedidas nas primeiras e efêmeras fases do que é, em sua totalidade, um veneno tão degradante. A consciência bêbada é somente um aparte da consciência mística.

James, loc. cit.

Jung denota ter uma posição semelhante a de James, no que diz respeito ao consumo excessivo de álcool praticado por pessoas, que defini como portadoras de demanda numinosa.

Sua ansiedade por álcool corresponde, num nível mais baixo, à sede espiritual do ser humano pela totalidade, expressa em linguagem medieval: a união com Deus.

Jung, (30.01.1961), 2003, p.315

A busca denota a existência da demanda numinosa. Mas, para permanecer na religião é necessário estar legitimamente imbuído do objetivo de levar adiante o trabalho de conhecer-se a si mesmo, com o propósito de aprimoramento. Tal empreendimento não é essencialmente fácil. Durante este trabalho, processos dolorosos podem ser desencadeados.

O criador da União, Mestre José Gabriel da Costa é o autor da frase: “A União é para todos, mas nem todos são para a União”. Apesar de ser para todos, nem todos dão continuidade à prática, por não se adequarem a tal método de contato profundo com o universo inconsciente e o mundo espiritual. De início o gosto do Vegetal já não é agradável, podendo variar de amargo a ácido. Muitos levam balas e doces para amenizar o gosto deixado na boca, após a ingestão do líquido.

I manage to swallow the entire brew in one shuddering gulp, and yes, it tastes foul, and I'm relieved that most people in the room seem to think so too.

Sting, 2004, p. 6

Uma das razões, que possivelmente motiva as pessoas com demanda numinosa a prosseguir nesta jornada, apesar dos desafios, é o anseio por respostas aos questionamentos mais intrigantes a respeito da vida, respostas que a razão parece não ser capaz de oferecer. O descontentamento com argumentos excessivamente racionais pode gerar sofrimento e frustração, pois na atualidade as explicações racionais são as mais abundantes. A busca por explicações mais profundas só é suprida quando se restabelece o contato com o inconsciente e o mundo espiritual.

Antes mesmo de conhecer a União, acreditava que existia alguma coisa fora daqui, não aceitava que morreu e acabou. Era uma intuição. (J)

...I too am in need of some kind of reassuring experience or ritual that will help me to accept that perhaps there is something beyond the tragedy of death, some greater meaning that I can conjure for myself. (...)What I'd read about ayahuasca and its transcendent visionary qualities intrigued me greatly, and in my current frame of mind I thought if I experienced the miraculous potion in a serious ritual setting, then I might come to some deeper understanding about what had happened to my parents as well as myself.

Sting, 2004, p. 7

Jung parece afigurar-se como uma das primeiras opções científico-literárias, para suprir a carência de entendimento – não exclusivamente baseado na razão – que necessitam as pessoas com demanda numinosa. Ele parece compreender os anseios que as afligem.

Mas para as pessoas de sentimentos religiosos este racionalismo não satisfaz, pois elas têm um pressentimento obscuro de que a ética precisa de outro fundamento, diferente daquele que lhe garante a razão (...)

Jung, (12.02.1959), 2003, p.194

A obra de Jung é bastante conhecida entre os freqüentadores da UDV, que possuem interesses e profissões ligadas ao estudo acadêmico, ou simplesmente gostam de buscar conhecimento através da leitura.

As desigualdades e os sofrimentos sempre me preocuparam. A minha mãe, me dava umas explicações, de que eram os anjinhos que tinham feito assim... E a partir daí, não deu mais. Aos 13 anos de idade, eu li o livro do Jung “O eu e o inconsciente” e entendi muita coisa, só não sei como. (C).

No início da minha busca pela explicação para coisas, que a ciência não respondia, como premonições, intuições, telepatia, essas coisas.... O primeiro autor que eu encontrei e considerei sério foi o Jung. (...) Eu lia muito sobre o assunto, mas o que eu queria mesmo era a experiência. (P)

Na medida em que o transe vai se tornando mais acentuado, o racional é gradativamente suprimido, até alcançar o ponto em que a experiência passa inteiramente ao domínio dos sentimentos.

Eu noto que sou ligada a essa formação, como se esse racional me desse uma sensação de segurança. Esse momento do êxtase, de contato com o sagrado, eu tinha uma sensação de pequenez, de fragilidade. E elas eram precedidas à própria Burracheira. Em geral a gente vê a fragilidade, entrega os pontos e os encantos se abrem. O racional é uma ilusão de segurança. (C).

O sagrado comigo funcionou muito rápido. Eu vi que a cultura e o nível social, me ajudarão para sempre. Mas, toda vez que eu intelectualizava o meu problema, o Mestre me mostrava, que tudo era consequência da minha vida, como espírito, a coisa, vinha de longe. (F)

O anseio pelo conhecimento de ordem espiritual pontua muitos relatos. A partir do momento em que as pessoas com demanda numinosa consideram insuficientes as explicações científicas disponíveis, elas vão em busca de um conhecimento, que deve estar oculto para a grande maioria: os mistérios. Segundo Jung, os mistérios dão a noção de que deve existir algo, além do que é racionalmente percebido.

...é importante que tenhamos um segredo e a intuição de algo incognoscível. Este mistério dá à vida um tom impessoal e “numinoso”. Quem não teve uma experiência desse tipo perdeu algo de importante.

Jung, 2002, p.308

O que me atraiu na UDV foram os mistérios, as coisas não eram faladas, sem que tivessem um fundamento e um significado maior do que normalmente tinham. Via, que as pessoas tinham um conhecimento espiritual. E principalmente o auto-conhecimento, porque eu sentia um mistério dentro de mim, e eu estava querendo desvendar os mistérios. (L)

Eu não compreendia muita coisa, mas achava que a igreja era o melhor lugar para fazer orações. Mas, eu não tinha uma afinidade, por não conseguir compreender as coisas e também não tinha, não sentia muita ligação com as pessoas para conversar, não tinha acesso ao conhecimento. (L)

A UDV é uma religião iniciática e como tal, os mistérios são reservados aos iniciados, e à medida que é alcançado um degrau mais elevado na hierarquia, maior é o acesso ao conhecimento.

A doutrina, a organização e a estrutura da UDV foram pontos fortes, que me fizeram continuar. E também o respeito ao “grau de memória”, ou seja, só passar o conhecimento no momento em que a pessoa está pronta para receber. (O)

Eu, quando era pequena ficava questionando: “porque eu sou uma pessoa boa e também uma pessoa ruim ? ”e aí eu tive uma clareza, já no Corpo Instrutivo. Quando eu cheguei, eu vinha de uma decepção muito grande no Candomblé. Eu não estava querendo ouvir ninguém me dizendo para confiar em Deus, eu queria sentir. (E)

James (1995) supõe que a qualidade da experiência mística está diretamente ligada ao estado de espírito de quem a vivência, o que vem ao encontro do

pensamento de Jung (2002), no qual a experiência do sagrado nunca se apresentará em sua forma original (como ocorre com o arquétipo), pois sempre chegará até nós pelo filtro da psique.

Segundo estes autores, não existe uma definição exata dos moldes nos quais se apresenta uma experiência mística. Estas idéias estão de acordo com o que ocorre na burracheira, pois uma das suas características principais é apresentar-se de forma particular para cada um. É possível, que mediante a ingestão da mesma quantidade de Vegetal, na mesma ocasião, duas pessoas obtenham efeitos divergentes. Enquanto uma descreve experiências espetaculares, a outra nada sente. Na UDV acredita-se, que tudo vem de acordo com o merecimento. Ainda assim, a burracheira parece preservar os elementos básicos propostos por James (1995) para reconhecer um estado místico. O primeiro é a Inefabilidade, as palavras do mundo racional não teriam o alcance necessário para descrever a essência da experiência mística, pois esta pertence ao campo do irracional e do sentimento. Esta característica também foi conferida aos estados místicos por Otto (2005) e Jung (2002).

Chamamos <<racional>> na idéia do divino ao que pode ser claramente captado pelo nosso entendimento e passar para o domínio dos conceitos que nos são familiares e susceptíveis de definição. Por outro lado, afirmamos que abaixo desse domínio de pura clareza se encontra uma obscura profundidade que nos escapa, não ao sentimento, mas aos nossos conceitos e a que, por esta razão, chamamos de <<o irracional>>.

(Otto, 2005, p. 87)

O que ocorre no ser que integra em sua consciência conteúdos antes inconscientes quase escapa à descrição discursiva. O único caminho possível se dá através da experiência. Não há dúvida de que se trata de algo subjetivo¹⁷.

Jung, 2002, p.251

... você se aproxima do inconsciente. E outra coisa, nem tudo o que a gente vê tem que falar. (I)

Quando a gente quer contar para alguém, alguma coisa que viu na Burracheira, a sensação é de que as palavras nunca são adequadas o bastante, então a gente fica explicando, mais e mais, para ver se consegue transmitir da melhor maneira possível o que recebeu. (P)

¹⁷ Esta citação também está presente no cap. 3.3.

O segundo elemento apontado por James é a Qualidade Noética. Durante a Burracheira, a sensação principal descrita pelas pessoas é a expansão da consciência, um alargamento da compreensão de fatos, que até então não tinham sido compreendidos, ou interligados. Este sentimento independe da presença de mirações.

A sensação que eu tenho é que vem ligando, uma coisa com a outra, coisas, que estavam passando despercebidas e de repente, eu compreendo o sentido. (A)

Quando estou de Burracheira só tenho pensamentos captados, que trazem informações novas, informações que até então eu não tinha valorizado, ou visto, e muitas delas foram a chave para toda uma construção. (H)

O terceiro é a Transitoriedade. O ápice do transe numinoso de interiorização chamado de Burracheira alta, ou alto tempo de Burracheira é breve, algo em torno de duas horas para a maioria das pessoas, metade do tempo de uma sessão. Mas, a experiência em si não obedece às leis de tempo e espaço. Pode-se ter a sensação de que se passaram anos durante a burracheira, ou apenas alguns segundos. Este é o momento no qual são recebidas as maiores revelações e são experimentados os fenômenos extrasensoriais. Por mais espetacular ou temerosa que seja a experiência, ela sempre terá fim.

Uma vez eu não consegui voltar para o corpo. Quando eu entrei de novo, comecei a abrir os olhos e a primeira pessoa que eu vi foi o “X”, ele era representante na época e eu só via um vulto azul, da camisa que ele estava usando. Na hora em que eu chamei o Mestre “X”, ele disse: “pronto”. E eu voltei, e enxerguei tudo de novo. Foi muito forte. (D)

O quarto e último é Passividade. O tempo alto de burracheira possui esta característica bem marcada. É este o momento em que a psique está sob o domínio do inconsciente e qualquer tentativa de controle racional gera conflito, além de ser inútil. É ensinado na UDV, que a melhor maneira de harmonizar-se com esta força desconhecida, é não oferecer resistência.

Lembro bem de uma Burracheira, tão forte, que mesmo que eu quisesse, não teria conseguido ir contra ela. Sem que eu percebesse, eu fui transportada para um outro tempo, para uma outra vida, me deu a impressão de ter vivido dias naquela outra situação, foi muito bonito. Quando eu voltei no final da sessão, não havia entendido como é que a sessão estava acabando, se eu nem a tinha visto começar. (P)

Tive uma Burracheira em que teve uma hora que eu estava querendo vomitar, coloquei o dedo na garganta e não adiantou. Depois ouvi uma voz que me disse que eu ia vomitar, porque ele queria e não pela minha vontade.(...) (E)

A Burracheira foi tão forte, que eu continuava vendo as coisas mesmo de olhos abertos. (N)

De um modo geral, as peias me mostram que eu preciso me desapegar de alguma coisa. Quando eu quero controlar alguma coisa, aí vem aquela coisa para me botar no chão. (C)

O transe numinoso de interiorização é uma vivência essencialmente pessoal e solitária, onde cada um cuida do seu próprio aprimoramento espiritual. Mas, a UDV também é procurada pela grande coesão existente entre os seus membros. Este fenômeno é em grande parte viabilizado pela oportunidade de vivenciar os mitos. Os ensinamentos da UDV são transmitidos através dos mitos de criação, que funcionam como sustentáculo da religião e lhe conferem um sentido místico e mítico.

O mito é sobretudo um fenômeno social; é narrado por muitos e ouvido por muitos. Ele dá uma imagem à vivência religiosa que por sua natureza não tem imagem, dá-lhe uma forma para expressar-se e, assim, torna possível a vida comunitária, ao passo que a vivência religiosa meramente subjetiva, sem uma imagem mítica tradicional, permanece inarticulada e não social e, quando faz alguma coisa, fomenta uma *vida espiritual eremítica*.

Jung, (12.02.1959), 2003, p.195

Segundo Jung, a desmitologização radical cessou também a comunicação religiosa, pois mito e religião estão intimamente ligados. Na religião é encontrado o ambiente propício para o mito ser vivido e partilhado por uma comunidade. Isto proporciona ao indivíduo a oportunidade de estar ligado a um grupo, pelo sentimento de pertença espiritual. O mito dá forma à energia psíquica e à experiência numinosa, por meio de uma linguagem comum a todos, permitindo a sua assimilação pelo grupo. Mas, não se trata de uma linguagem voltada para a lógica racional, a forma do mito está em consonância com o inconsciente. Se não houver um meio de compartilhar a essência das experiências místicas e numinosas, criando um campo de intercessão entre o grupo, o contato com o sagrado gerará apenas uma vida religiosa eremítica. A estrutura oferecida

pela comunidade é um quesito relevante, que estimula a continuidade da caminhada religiosa.

Ninguém pode ficar consciente de sua individualidade sem um relacionamento íntimo e responsável com os outros. Por isso ninguém que procura encontrar-se vai retirar-se egoisticamente para um deserto. Somente através de um relacionamento profundo e incondicional com alguns ou, melhor, com muitos, pode encontrar a si mesmo, pois só assim tem a chance de comparar-se com os outros e deles distinguir-se.

Jung, 2002, p.288

Os amigos são uma peça fundamental. (G).

É uma oportunidade de vivenciar essa força de união entre as pessoas. É uma irmandade, que tem um grau de irmandade e acolhimento bom, no sentido de aceitação da diferença.(C)

As pessoas chegaram junto. Tivemos um acidente e em poucos minutos já estavam lá. Isso para mim é um dos melhores reconhecimentos que eu tenho. (...) A gente tem conhecimento da verdade e existe entre as pessoas um sentido de fraternidade, de união. (M)

No início o que me fez ficar foram as pessoas, principalmente os jovens da minha idade.(N)

A união existente entre as pessoas se afigura como uma característica marcante e essencial para manter a religião. Tanto, que a palavra União é a abreviatura usada pelos sócios quando se referem à União do Vegetal. Mas, existem outras religiões aonde esta característica também é um traço marcante. O diferencial da UDV reside na experiência imediata e individual, vivida durante a Burracheira.

Ainda que o eremita não represente um tipo exemplar de vida, a solidão da experiência religiosa pode e será uma fase inevitável e necessária de transição para todo aquele que procura a experiência essencial, isto é, a experiência religiosa *primordial*. Somente isto constitui o verdadeiro e inabalável fundamento de sua vida interior de fé. Uma vez atingida esta certeza, não se permitirá ficar com ela só para si. Sua realização transborda em comunicação, e comunicação exige linguagem”

Jung, (12.02.1959), 2003, p.195

Dos frutos gerados pelo mergulho nos conteúdos inconscientes durante a Burracheira, o principal é o auto-conhecimento. Neste contexto, o conhecer-se a si mesmo está interligado ao conhecimento do mundo espiritual.

Eu voltei achando que queria descobrir mais alguma coisa, ver, sentir... Eu tive vontade de conhecer a União. Até aquele momento não tinha percebido que tinha na mão um instrumento que fizesse nos conhecer, só descobri isso agora com o tempo. (J)

Em certos momentos, devido a alguma particularidade, é possível vivenciar mais intensamente os conteúdos inerentes ao inconsciente individual.

Teve uma fase na Burracheira, que eu passei o meu passado a limpo, foi ali que eu pude ver as coisas de outra maneira, que eu pude perdoar o pai dos meus filhos, me perdoar e ver ele como um ser humano. (A)

Várias pessoas relataram procurar a religião com fins específicos de auto-conhecimento, mas neste desejo já está implícito a busca espiritual. O fato de empreender o auto-conhecimento, em um contexto religioso, já denota o desejo de conhecer-se através de uma ótica espiritual.

O processo de auto conhecimento era um chamariz muito forte. (O)

Mediante o encontro com os elementos, que estavam ocultos na própria sombra inicia-se um processo, análogo ao que pode ocorrer também em um trabalho psicoterápico, como *insights*, e resgate de fatos esquecidos.

O que eu tenho são *insights* da minha vida, (G)

É o momento do que você vivenciou na sua vida, é uma chupeta que cai... você se aproxima do inconsciente. (...) Quando eu bebi o chá lembrei de muita coisa na minha vida. (I)

As regressões até a primeira infância são bastante comuns e costumam trazer à tona acontecimentos carregados de sentimentos, que estavam ocultos no inconsciente.

Fiz uma regressão até os meus quatro anos de idade e me lembrei de umas coisas ruins que tinham acontecido. Uma vez, a minha mãe estava passeando comigo na rua, e viu o meu pai com uma amante. (N)

Com a Burracheira consegui lembrar de muitas coisas da infância, só então percebi que na verdade tinha dificuldade em acessar a origem das coisas que tinham acontecido na infância. (L)

Suddenly I am in the town of my childhood in the north of England. I am a small boy, gazing at lists of hundreds of names carved into stone, watched over by two soldier-sentinels cast in weathered bronze, their heads lowered solemnly over the stocks of upturned rifles. My child's hands is touching a cold metallic foot.

Sting, 2004, p.11

Embora possam ser produzidos processos semelhantes aos que ocorrem durante uma psicoterapia, o caminho religioso de auto-conhecimento não deve ser confundido e tomado como um substituto da mesma. Por desconhecimento do assunto alguns podem infringir neste erro. Como pensava Jung (2002), é possível que algumas pessoas procurem a psicoterapia na ânsia de preencher uma lacuna, que foi deixada pela falta de contato com o inconsciente, e com o mundo espiritual.

Ela só conhecia o intelecto e levava uma vida desprovida de sentido. Na realidade, era uma criatura de Deus, que devia cumprir Sua vontade secreta. Precisei suscitar-lhe idéias mitológicas e religiosas, pois era um desses seres que devem desenvolver uma atividade espiritual. Sua vida adquiriu então um sentido: quanto à neurose, desapareceu.

Jung, 2002, p. 127.

Estas pessoas são as portadoras da demanda numinosa e é bastante provável, que descubram no caminho religioso de encontro direto com o sagrado, o que estavam procurando na psicoterapia.

As mirações foram todas ligadas às minhas perdas. Foi pessoal liberou em mim uma série de necessidades. A minha faculdade de psicologia terminou quando eu comecei a beber o Vegetal. (...) Freud terminou, quando começou o Vegetal. Já fiz análise de grupo e auto análise e sempre chegava em um ponto em que eu não entendia a vida, e o Vegetal me mostrou o que eu precisava entender. (F)

Na maioria das vezes os conteúdos inconscientes, que emergem durante a Burracheira são trabalhados pela própria pessoa. Mas, caso não consigam ser assimilados, um mestre, ou conselheiro(a) pode prestar auxílio, dentro de suas possibilidades e conhecimentos espirituais. Mas é perfeitamente possível, que em algum momento, mesmo as pessoas com demanda numinosa, necessitem de fato

de acompanhamento psicoterápico. Um bom número de pessoas, que freqüentam a UDV há anos submetem-se a psicoterapia. Mas, para que o tratamento destas pessoas obtenha êxito é essencial, que a vivência religiosa seja respeitada e compreendida pelo terapeuta, caso contrário ele irá de encontro com os sentimentos mais profundos sobre o qual se equilibra o psiquismo do analisando. Talvez, por este motivo, a Terapia Analítica seja a mais difundida entre os integrantes da UDV.

5.2. O sentimento

Na UDV parece ser possível ter acesso ao que James (2002) nomeou “experiência original”, Otto (2005), “experiência numinosa” e Jung (2002), “experiência imediata”. Estes três termos designam o mesmo fenômeno: o contato direto com o sagrado, sem o intermédio da razão. Para estes autores, a experiência numinosa é antes de tudo uma questão de sentimento.

Na época estava concluindo a residência e estudava filosofia na UERJ, estava com a cabeça cheia de muitas idéias e muitos conceitos. Na primeira Burracheira vi como tudo aquilo estava desarticulado na minha vida, e me surpreendeu pelo aspecto direto e sem intermediários, de vivenciar e sentir o que foi novo. (C)

Quando eu cheguei, eu vinha de uma decepção muito grande no Candomblé. Eu não estava querendo ouvir ninguém me dizendo para confiar em Deus, eu queria sentir. (...) Eu gostei das pessoas, mas o que me fez ficar foi essa experiência, eu estava procurando uma coisa assim. Senti um êxtase, uma ligação direta com Deus. (E)

Para os autores, citados acima, esta ligação direta é a origem fundamental do sentimento religioso vivo, quando esta fonte se extingue, a religião se torna um amontoado de ritos sem sentido. As pessoas, que apresentam a demanda numinosa estão em busca desta experiência, na qual esperam encontrar as respostas para questões, que não foram respondidas pela dimensão racional.

Na primeira burracheira entrei em um dimensão sem intermediários. Depois foi que eu escutei que era a religião do sentir. A experiência do sagrado, sem intermediários, sem conceitos, sem explicações, me chamou muito a atenção de como esse aspecto intelectual, que sempre foi muito colocado como prioridade na minha vida, não era tão eficaz, não trazia todas as respostas. Por estar desarticulado, esse volume de conceitos não se traduzia por qualidade, “o que me

vale saber de tudo isso?”, procurei por anos e anos e está tudo aqui, beber um copo de chá, e está tudo aqui! (C)

O sentimento e a experiência estão interligados durante a burracheira, um pode ser tomado por sinônimo do outro, não há experiência se o sentimento não é despertado. Na compreensão da experiência vivida na burracheira, o sentimento é o fiel da balança, é o que indica a natureza negativa ou positiva de um acontecimento, e permeia todo o aprendizado espiritual.

As outras burracheiras foram mais tranqüilas, eu tive a oportunidade de ver e sentir coisas boas e belas, através da burracheira eu entrei em contato com a força de Deus. (N)

Quando eu vim para o Pukuramanta foi que eu senti o que era a burracheira, o bem estar da burracheira, o que renova. (...) Senti um aconchego, um preenchimento, voltando ao lar. Uma alegria muito grande. Foi a partir daí que eu comecei a despertar para a vida espiritual. (B)

Eu estou agora, uma pessoa mais humana, menos mental, conseguindo trabalhar o sentimental e a coisa do grupo. (A)

Quem for capaz de mergulhar na contemplação e de abrir a alma a impressão, deverá <<reconhecer>> o sagrado, de acordo com critérios íntimos, cuja regra é inexprimível e terá, no sentimento puro, a <<visão do eterno no temporal>>.
Otto, 2005, p.214

As imagens que podem surgir durante a burracheira, as mirações, são compreendidas em termos junguianos como imagens inconscientes, que vêm à tona e imagens arquetípicas, que são acessadas durante o transe.

Se alguém tem uma visão, não significa que seja necessariamente doente mental. Em certos momentos, pessoas bem normais podem ter visões. Paulo com certeza não era doente mental, nem foi extraordinária a sua visão. Conheço bom número de casos de visões de Cristo ou de audição de uma voz interior.
Jung, (23.07.1957), 2003, p.98

A primeira burracheira foi boa, tive muita miração. Eu vi Jesus, e também a minha avó, que já tinha feito a passagem. (L)

Elas podem pertencer, tanto ao domínio do inconsciente pessoal, quanto coletivo. É comum no início as mirações assumirem formas abstratas, geométricas e coloridas, para depois apresentar conteúdos com significados reconhecíveis.

Na minha primeira burracheira, antes de ver alguma coisa, que eu reconhecesse, comecei a ver flores coloridas, em formas geométricas, eu não sei como descrever direito, mas elas pareciam sair de uma outra dimensão. Aos poucos, as formas triangulares se transformaram nas três pirâmides do Egito e eu vi o nascer do sol, por detrás delas, irradiando uma luz dourada muito forte, que me ofuscou os olhos. A partir daí comecei a ver muitas coisas. (P)

O importante é que as imagens não parecem ocorrer a esmo, mas são portadoras de mensagens, que devem ser consideradas e examinadas por quem as presencia. Podem trazer clareza, para a vida cotidiana, ou um conhecimento espiritual mais profundo.

Tive uma burracheira...vi Jesus. Enjoei e vomitei dentro do salão. Senti uma força, muito forte, então eu fiz o exercício de me concentrar e pedi que Jesus me desse a mão, e a partir daí senti uma burracheira boa. (...) Eu tive uma visão mesmo, eu estava bem ligada nele, porque estava com medo do desconhecido. (A)

Em alguns momentos, a burracheira parece ampliar os sentidos e possibilita a percepção de eventos, que não são captados nos estados comuns.

Eu recebi só um dedo de vegetal, e mesmo assim senti uma burracheira muito forte. Fiquei quieto, examinando o que acontecia, e vi a energia negativa sair por um lado da minha cabeça, e a positiva entrar pelo outro. (O)

As mirações enquanto manifestações do inconsciente e do mundo espiritual, parecem oferecer um vislumbre exuberante de outra realidade, para qual a pessoa se transporta e vivencia o transe.

(...) The visions are transmuted into miraculous spiralling, geometric structures towers, tunnels, vortices, chambers. The clarity of the visions and the electricity of the colours are so alien to the experience of waking life as to be of a different order of reality entirely. And yet to open one's eyes is to return to the room as it was. But these are not hallucinations. There is no distortion of visible reality;

Sting, 2004, p.11

Algumas pessoas defendem a idéia de que, com o tempo a tendência é a diminuição das mirações. Mas, segundo os relatos colhidos, pude constatar que a capacidade de se comunicar com o inconsciente, e o mundo espiritual através de imagens, está possivelmente mais relacionada às características pessoais de percepção, que ao tempo e ao grau ocupado na hierarquia da religião. As pessoas

que valorizam a percepção visual costumam ter mais mirações. A afirmação abaixo foi feita por um mestre.

Sou muito visual. Para mim, se eu não vejo nada eu não tenho burracheira. (D)

Mas, as mirações não podem ser compreendidas como a tradução da burracheira. Um número considerável de pessoas bebe o vegetal no ritual da UDV, sente a burracheira, mas não costuma acessar o inconsciente e o mundo espiritual através de imagens.

No início da minha caminhada eu tinha umas poucas mirações, a percepção visual foi em poucos momentos. Mas, caracterizadamente, a burracheira agia na minha consciência. Eu examino uma situação, ou sentimento, e vêm à tona alguns reflexos. (H)

Não costumo ver imagens, só na primeira, mas de um modo geral eu não vejo. Não são visuais, são mais pelo sentimento, sentir a força, a presença.(C)

As imagens e os pressentimentos sentidos durante a burracheira são numinosos, pertencem ao campo irracional, e são compreendidos como manifestações sagradas, mesmo as peias.

Quando o contato estabelecido com o sagrado na burracheira é revestido de conteúdos que despertam medo, apreensão e desconforto, é chamado de peia. A peia não é inevitável, mas quando acontece é vista como decorrência de uma necessidade. A peia faz parte do processo de evolução espiritual, e está geralmente relacionada ao encontro com a sombra, tanto no nível pessoal quanto coletivo. É uma oportunidade de conhecer o lado escuro, e assim procurar libertar-se dele.

Fiquei traumatizada, foi terrível, foi completamente diferente do que eu estava acostumada. (...) Perdi o controle, não controlava o vômito e via coisas estranhas no vômito. Meu pai falava para eu pensar em Jesus e na Virgem Maria, mas eu não conseguia. Eu tive medo do desconhecido. (...) (B)

Durante a peia pode-se ter a sensação de estar passando por uma experiência de morte e renascimento. Nestas ocasiões, é despertado o sentimento da morte iminente, e um mal estar nunca antes experimentado. Mas, quando a pessoa parece estar prestes a capitular, a situação sempre é superada. Estas situações

podem ser compreendidas como um rito de passagem, no qual a resistência é testada até os limites. Após a superação das adversidades resta o sentimento de vitória, acompanhado por um ganho espiritual.

Eu pensei que ia morrer, nunca tinha me sentido tão mal durante toda a minha vida. Tentava vomitar e não conseguia. Mas, de repente, quando o mestre fez as chamadas de fechamento tudo passou, como que por encanto. Só restou aquela sensação de que havia acontecido algo mais forte que eu, e que ainda não compreendia, e fui tomada por um bem estar, que eu também não conseguia entender. Como é que eu estava me sentindo tão bem depois de ter passado por tudo aquilo? (P)

(...) *Please, let it pass, I don't want to throw up, I don't want to be embarrassed here, let this pass.* Did I really elect to do this? I must have been out of my mind. I never felt this bad in my entire life, nor do I remember having been so afraid. (...) but just when I imagine I am drained of all will to withstand this onslaught, I hear the singing (...) I close my eyes the better to drink in the gentle balm of the song, and I find myself in a vast cathedral of light.

Sting, 2004, p.9

Como já foi explicitado, no capítulo 2.2, James (1995) não se pronuncia quanto à existência de experiências desagradáveis durante os encontros místicos com o sagrado. Mas, tanto para Otto (2005), quanto para Jung (2002), o temor e o tremor fazem parte da experiência de contato com o sagrado, que ainda assim é numinosa. A peia, talvez, seja o encontro com o *tremendum*, descrito por Otto. O *tremendum*, em sua forma original realmente faz tremer, provoca calafrios.

“O calafrio é o que há de melhor no homem
Em vão o mundo lhe faz pagar caro o sentimento,
Arrebatado, comove-se profundamente perante o enorme”

Goethe, in Otto, 1917, p.62

Nosso cristianismo com a sua concepção do *Summum Bonum* esqueceu completamente que um dos principais aspectos da verdadeira religião é temor.

Jung, (30.05.1957), 2003, p.81

O *tremendum*, provoca tremores e calafrios. Quase todos que bebem o Vegetal conhecem bem o fenômeno denominado “frio de burracheira”. É uma onda de frio intenso, que é sentido durante a “burracheira alta” e o frio é completamente independente da temperatura ambiente. As pessoas têm que se cobrir com cobertores e alguns chegam a bater os dentes.

Não sei como era possível, eu estava de olhos fechados e sentia o meu corpo todo sacudir incontrolavelmente. Principalmente as pernas, os meus dentes batiam, mas para a minha surpresa, quando abria os olhos não via as pernas tremerem. Ah!, fora a taquicardia. (P)

Usando os termos de Otto (2005), o frio é acompanhado por uma nítida percepção da *orgé*, a energia divina do “Deus que queima”, circulando em todos os níveis do ser.

Foi horrível! Passei um frio brabo! Meu filho não avisou, disse que era para levar alguma coisa para se cobrir e eu só levei um xale de crochê. Vomitei até a alma. (J)

I begin to shiver, gently at first but with increasing intensity, starting at my feet and moving up my legs in wave after wave, until my whole body is shaking violently. (...) I whisper, “God, please keep us safe.” And this time there is no irony at all.

Sting, 2004 p.9

É algo, que ao mesmo tempo provoca medo e fascínio. Nesta hora faz-se sentir o temor a Deus. Não um temor pelo fato de ver em Deus uma figura maléfica, mas por reconhecer a si próprio como uma criatura imperfeita, sujeita à justiça de um poder superior.

Esse momento em que a gente se centra para ver Deus é tão forte, que a gente não está preparado para a intensidade, e aí eu sinto o medo, de a minha matéria, do meu espírito, para ver tanta luz. Conforme a gente vai conhecendo, a gente se sente mais seguro. (E)

Para algumas pessoas, somente o *tremendum* é uma experiência forte o bastante para fazê-las crer na existência de um poder superior, digno de ser respeitado.

Estão ligadas a um processo de desinflação, coloca a gente em um processo, ela corrige. A gente está em um lugar inadequado, e coloca a gente em um lugar mais adequado. Não é a toa que depois a gente agradece. (C)

Era a dificuldade de me firmar na burracheira, firmar o pensamento, me harmonizar na burracheira. As pessoas diziam: “firma o pensamento”, e isso para mim era grego. Até o dia em que tive uma burracheira em que eu me senti abaixando a cabeça e eu percebi, que estava me colocando no lugar de aprender. (H)

Para um portador de demanda numinosa, até mesmo a experiência da peia é tida como benéfica e por pior que seja, não é o bastante para afastá-lo da prática de empreender o contato direto com o sagrado.

E vi que aqui tinha muita coisa para estudar, para conhecer. Só tendo uma coisa muito forte para me fazer voltar, eu passei por cada uma, que eu jurava que se “saísse dessa não voltava nunca mais”. (...) Passei os seis meses apanhando, vomitando no salão, passando um sufoco. (H)

Eu não me senti bem, acho que tomei uma peia, e não vi nada que pudesse me dizer o porque que eu estava apanhando. Disse que nunca mais voltava lá, 15 dias depois voltei, não sei porque. Foi uma força estranha.” (J)

Mesmo durante as situações mais difíceis, as pessoas guardam a confiança em um poder superior que tudo rege, e que lhes dá a certeza de que tudo acabará bem.

Quando põe à prova a coragem do homem, Deus não se prende à tradições, por mais sagradas que seja,. Em Sua onipotência, cuida de que nada realmente mau resulte dessas provações. Quando se cumpre a vontade de Deus, não há dúvida de que se segue o bom caminho

Jung, 2002, p.48

Eu senti medo, mas não foi aquela coisa assim! Eu fiz essa ligação forte mesmo com Jesus. A fé é o antídoto do medo, e eu me liguei na fé. (A)

É o fel da história. Mas, depois vinha a luz na mesma sessão. É muito importante passar a dor e chegar na alegria. A dor traz a alegria. (G)

Eu não acho a peia uma coisa ruim. É uma maneira do Mestre mostrar para a gente, uma outra maneira de ver. Peia é luz. (E)

O terror, segundo Otto (2005) e Jung (2002), além de inerente à experiência direta é um risco assumido por aqueles que buscam a experiência numinosa, pois no mundo, o bem e o mal, formam um par de opostos complementares. Quem desejar obter o conhecimento profundo de um polo, terá que deparar-se com o outro. A luz só é compreendida, quando confrontada com a escuridão.

É uma maneira da consciência acusar a gente por um erro, então vem a peia. A peia é uma limpeza, que a gente precisa fazer antes do encontro. Quanto maior a consciência, maior é a dor. (D)

Embora a burracheira seja uma vivência irracional por excelência, os esforços da UDV são canalizados em prol da assimilação destas experiências com o objetivo de fazê-las adquirir utilidade para a vida racional. As pessoas são estimuladas a refletir e a tirar as melhores lições possíveis do que lhes foi mostrado. Jung (2002) defendia o contato com os conteúdos inconscientes, desde que estes se traduzissem em algo útil para a vida.

Procurei transformar cuidadosamente cada imagem, cada conteúdo, compreendendo-os racionalmente na medida do possível e principalmente, procurei realizá-los na vida. Pois é isso em geral o que se negligencia.

Jung, 2002, p.171

Aqui eu vislumbrei um lugar onde eu encontrei respostas e encontrei na própria burracheira. Fui colocando as coisas em ordem e pouco a pouco, a burracheira vem se tornando um exercício, porque eu posso trazer exemplos da burracheira, para o meu cotidiano. (C).

O que mudou mais foi a capacidade de compreensão, resistência, flexibilidade, paciência, mas tudo pela compreensão, nada foi pela goela. (H)

Não se trata de converter a experiência irracional em racional, mas sim de estender os seus reflexos numinosos até a vida material, da qual fazem parte o trabalho, os relacionamentos e a família. Segundo os ensinamentos da UDV, a verdadeira transformação se faz notar nas práticas diárias. Pois, ao contrário do que se pode pensar, não é simplesmente o ato de beber o chá, que por si só realiza a transformação. A burracheira, aponta o caminho, mas a decisão de segui-lo é compreendida como uma questão de livre arbítrio.

Considerava o Vegetal a salvação da lavoura e isso era uma ilusão, depois foi que eu percebi, que tudo o que eu tinha conseguido evoluir também era fruto do meu trabalho, do meu trabalho com o Vegetal, porque se a pessoa não fizer por onde, se não quiser, o Vegetal não faz nada sozinho. (...) (F)

A estrutura da UDV funciona como um lastro, evitando que a pessoa se perca nos conteúdos inconscientes. A própria dinâmica das sessões visa propiciar este equilíbrio. A presença forte da palavra doutrinária durante a burracheira – elemento racional – atua diretamente sobre o transe, direcionando-o.

Nesse dia o mestre que conduziu a sessão transmitiu muita firmeza, e todas as palavras que ele disse conduziam a burracheira.” (L)

Por sua vez, as palavras ditas em uma sessão são inspiradas pela burracheira. Deste modo, estabelece-se uma inter-relação entre irracional e racional, compreendidos como duas faces da mesma moeda. Não se deve negligenciar nenhum dos dois elementos, dando a cada um o seu devido lugar. Neste ponto, se expressa a idéia dos opostos complementares, presentes nas obras de Otto (2005) e Jung (2002).

Sem a busca do equilíbrio entre mundo racional e irracional, os propósitos da UDV enquanto religião estariam seriamente comprometidos, pois se reduziriam a um aglomerado de pessoas flutuando em imagens e conteúdos inconscientes ao sabor dos ventos, sem lastro e sem âncora. Algo muito semelhante ao uso recreativo de drogas.

Experiências com mescalina e drogas semelhantes são de fato bem interessantes, pois descobrem uma camada do inconsciente a qual só teríamos acesso sob condições psíquicas especiais. É um fato que produzem percepções e experiências como nos estados místicos ou na análise de fenômenos inconscientes, bem como nas condições orgiásticas de embriaguez dos primitivos.

Não vejo nenhuma felicidade nessas coisas, pois a pessoa cai nessas experiências sem poder integrá-las. O resultado é uma espécie de teosofia, mas sem nenhuma aquisição moral e mental. (...) A religião é um modo de vida, uma submissão e devoção a certos fatos superiores – um estado de espírito não pode ser injetado através de seringa nem engolido com pílula.

Jung, (12.02.1957), 2003, p. 100

O acesso ao inconsciente sempre traz à tona conteúdos relevantes, mas raramente previstos pela consciência. De acordo com a concepção junguiana, o inconsciente é provido de sabedoria, autonomia e visão mais abrangente da realidade. Quando encontra um caminho para comunicar-se mais plenamente com a consciência, pode oferecer respostas para questões que atormentam o ego, e trazer a cura de males que afligem a consciência (2002). Quando este processo de reconhecimento de conteúdos inconscientes se dá em um contexto religioso como ocorre na UDV, não é interpretado apenas como um fenômeno psíquico. Em situações como estas, acredita-se que o inconsciente e o mundo espiritual interagem, e são parte da mesma realidade superior e numinosa. No momento da burracheira todos os acontecimentos são vistos como sagrados, e comandados por uma força divina.

Eu tinha 6 anos de idade, e a minha mãe me levou ao parque, com o meu irmão de 4, a mamãe não tinha dinheiro, para pagar o brinquedo, ou alguma coisa assim, e ela disse, “você vieram aqui para olhar”, e aquilo me marcou muito. Aí, em uma burracheira, eu subi no astral, e eu fui para um parque no astral e tudo lá era lindo, muito colorido, com música, os brinquedos eram do jeito que eu queria, era tanta felicidade, que então me curou. Desde esse dia, eu nunca mais quis ir ao Parque. (E)

O efeito emocional vivenciado na burracheira, parece ser maleável, adapta-se às necessidades particulares de cada um, podendo assumir diversas formas a fim de preencher falhas.

Foi muito profundo. Porque, uma pessoa, criada sem uma estrutura familiar, aí quando encontra um pai, um Mestre me orientando, com uma voz me dizendo coisas que só eu sabia. Como é que pode? (G)

A ausência do pai configurou uma necessidade que a União veio a preencher. (...) No limite, porque no sentido de que pela ignorância e pela prepotência eu considerava que eu era mais do que eu era, e o limite imposto pela burracheira era uma intervenção limitadora, e eu queria saber de onde aquilo vinha, como vinha e porque vinha. (H)

No caso de “G” e “H”, o encontro com o sagrado tomou a forma de um pai, suprimindo a falta desta figura em suas vidas. Segundo o pensamento junguiano, pode-se dizer, que através da experiência direta, “G” e “H” foram capazes de acessar o arquétipo paterno, que lhes forneceu os elementos necessários para construir esta figura.

As respostas obtidas durante a burracheira não estão restritas apenas a questões de ordem emocional, durante o transe também podem ser acessadas respostas para problemas de ordem prática.

As vezes tinha um trabalho, uma sonorização que eu não estava conseguindo fazer, então na burracheira se apresentava tudo certinho, como eu tinha que fazer. Uma vez, eu não estava conseguindo achar o defeito de um equipamento, aí na burracheira eu entrei dentro do equipamento, e vi o que precisava fazer. (D)

O processo de cura psíquica obtido durante o mergulho nos conteúdos inconscientes proporcionado pela burracheira, nem sempre é indolor. Algumas vezes, feridas antigas precisam ser tocadas para que sejam tratadas.

No princípio eu tinha muita miração, via meu pai e minha mãe muitas vezes. A minha mãe era muito bruta, batia muito na gente, quando eu tive as mirações

entendi porque ela era violenta. Eu me conformei, eu fiquei compreendendo porque ela era assim.(M)

I was the bright red apple in her green eye, just as I was a thorn in his side, and we have unfinished business. That is why we are together in this strange echoing hall that is my memory. I am, as I have always been, surrounded by ghosts.¹⁸

Sting, 2004, p.16

Estas feridas nem sempre são causadas pela ação de uma outra pessoa, muitas vezes o reconhecimento dos próprios erros, como a origem dos sofrimentos vividos, desperta mais dor e culpa.

Lembrei também de absolutamente todas as coisas erradas que eu fiz e eu sofri muito com isso, porque eu vi as conseqüências das coisas que eu tinha feito. Mas eu consegui superar.” (N)

Algumas vezes que eu levei peia foi pelo meu comprometimento com a palavra. Mesmo sem saber, eu tinha uma busca, quando eu acusava os outros, eu apanhava. Era horrível, escuro, mas eu sabia, que estava merecendo, era a voz na minha consciência. (G)

O remédio pode ser um veneno que nem todos suportam, ou uma operação cujo efeito é mortal quando contra-indicada.

Tratando-se de vivências interiores, ao despontar o que há de mais pessoal num ser, a maioria é tomada de pânico, e muitas vezes foge.

Jung, 2002, p.128 et. seq.

5.3. Experiência transcendente e imanente

Com base nos relatos colhidos pude observar, que durante a experiência mística proporcionada pelo Vegetal podem se dar as duas modalidades de contato com o sagrado, o transcendente e o imanente. O que direciona o viés pelo qual será percebido o sagrado depende, primeiramente, da pessoa que passa pela experiência. Entram em cena, fatores inerentes à cultura e à educação religiosa recebida na infância. É comum na primeira ocasião, na qual a pessoa se depara com o que reconhece como um ser superior, este contato se dê nos moldes descritos por Otto (2005), da percepção do totalmente outro, de um poder que

¹⁸ Sting está se referindo a lembrança de fatos esquecidos relacionados aos pais já falecidos.

emana apenas de fora e é externo ao ser humano. Quem experimenta esta modalidade de contato recebe uma espécie de emanção do poder que o atinge, mas não participa dele. Este sentimento traduz a visão mais difundida pelo cristianismo, na qual Deus é uma substância separada do homem e a pessoa experimenta o sentimento de ser mera criatura.

E o Vegetal me fez ver o quanto eu era pequena diante do poder de Deus. (F)

Quando eu era criança, era imposto acreditar em Deus, a minha mãe é evangélica, sentia muito radicalismo, muita castração, regras. O que me afastou de querer conhecer aquele Deus, tão cruel. Hoje, percebo que Deus é bem diferente daquilo que eles pregam. É a força cósmica, força universal. Cheguei a essa conclusão, examinando na burracheira. Mas, sempre fica uma coisa pendente para examinar, buscar, sentir essa presença. É uma paz. Não é Deus que chega na pessoa, é a pessoa que chega nele. (B)

“F”, expressa, claramente o sentimento de criatura, enquanto, “B”, demonstra um sentimento intermediário onde reconhece a presença de Deus no universo, mas ele ainda é externo, pois existe uma certa distância a separá-la dele.

A transcendência enquanto percepção do sagrado pode fazer parte das experiências místicas, mas ao contrário do que era defendido por Otto (2002), não parece ser a única maneira pela qual se estabelece o contato com o sagrado.

Outro modo de vivenciar os estados místicos é a imanência, bastante exemplificada por James (1995). Na imanência, o ser humano percebe-se como portador de uma parcela do poder divino, não é simples criatura e sim criação bem amada. Sente, que sua existência está em conformidade com a sabedoria, que rege o universo. O poder de Deus passa a estar em tudo e em todos.

“Isto és Tu!” dizem os Upanishades, e os Vedantistas juntam: “Não uma parte, não um modo de Isto, mas identicamente Isto, o absoluto Espírito do Mundo”.

James, 1995, p.261

Talvez, eu já tivesse isso dentro de mim, a transitoriedade, saber que eu sou mais do que simplesmente isso, que faço parte de uma coisa maior. (...) Ele é bem diferente do que eu imaginava. Era um Deus personalizado, antropomórfico, que estava fora de mim, bem no alto. Se puder desenhar um troninho... E ai, vem caminhando para um Deus, que está em nós, presente, que é uma energia universal de amor e justiça. (C)

This sensation of connectedness is overwhelming. It's like floating in a buoyant limitless ocean of feeling that I can't really being to describe unless I evoke the

word *love*. (..) Everything around me is vibrant with significance. Everything around me seems in a state of grace and eternal.

Sting, 2004, p. 46

Na experiência imanente tudo parece estar conectado e não são percebidas as barreiras, que delimitam o que é matéria e espírito, mal e bem, morte e vida, e etc. Tudo faz parte de um universo uno.

Foram 3 vivências, que eu tive aqui na União de eternidade, e as 3 tiveram a grande característica do silêncio, ninguém estava me falando nada... Paz, ordem, tudo está no seu devido lugar. Essa certeza do eterno, do que é... (C)

I have never felt so consciously connected before may be out of my gourd, but I seem to be perceiving the world on a molecular level, where the normal barriers that separate “me” from everything else have been removed.

Sting 2004 p. 46

Tanto James (1995), quanto Jung (2002), concebem o ser humano como uma criação, que guarda em si uma parcela do poder divino e é através desta centelha divina, que o homem é capaz de se ligar a Deus. Mediante este sentimento abre-se a possibilidade do êxtase, da expansão da consciência, dos fenômenos extrasensoriais e do acesso à outra realidade.

A hipótese que possa existir uma realidade mais vasta, que estaria além do que é observável e perceptível pela maior parte das pessoas, está presente nas obras dos três autores citados. Conforme esta suposição, o “real”, é um subproduto de um universo mais amplo, que só pode ser vislumbrado através da porta subliminal, segundo, James (1995) e do inconsciente, segundo, Jung (2002). É o supra empírico, descrito, por Otto (2005), como o que subjaz o mundo racional, está ao redor e além dele. Segundo esta inversão de idéias, o universo consciente, é fruto do universo inconsciente e não o contrário. Através das experiências místicas o ser humano pode captar esta realidade superior, e enxergar além do que é normalmente percebido pelos demais. Várias pessoas descrevem um presságio sobre este universo mais amplo obtido durante a burracheira.

O que mais me chamou a atenção foi uma viagem astral. Fui para um outro lugar, parecia uma outra dimensão. Vi umas estátuas douradas sentadas em um trono. Então eu pensei “como eu faço para me comunicar com elas?” “Pela vibração”. Quando eu ouvi a resposta, comecei a sentir as ondas que fluíam . Desde então se abriu um canal na minha vida, a percepção apareceu. (A)

O Vegetal me fez grandes revelações. O Mestre X me fez uma revelação e por essa revelação eu fiz uma viagem para ver, e fui até a via láctea. Eu perguntei a ele se eu realmente podia ter ido até lá, e ele me disse que eu podia realmente ver. (D)

... the colours and the visions are separate reality projected onto the black of the eyelids. Closing your eyes transports you to this other world, as real as any other (...) stories and emotions not only from your own life, but astoundingly from what seems to be the lives of others. I am either dreaming awake or I am dead. (...) In this new context, I'm forced to question the foundations of my rarefied and privileged existence, my life in the world of friends, colleagues, and family. Isn't what we refer to as reality merely a consensus, an agreement between us that certain things are real and others aren't. I may be at this interface now, shivering in a jungle church with two hundred others but also quaking with fear in a dark and sodden trench. This is how I imagine that those close to death must feel. Confused, disoriented, and afraid.

Sting, 2004, p.11, et. seq.

Os fenômenos paranormais se dariam através da capacidade de conectar-se conscientemente, ou não, com este universo mais amplo cuja percepção só se dá através do sentimento e da intuição, estabelecendo-se a comunicação entre a realidade consciente e a inconsciente.

...deveriam chamar-se <<conhecimento>>conhecimentos que são da ordem da intuição e do sentimento, e não da reflexão. Considerados no seu conteúdo, são a apreensão pela qual captamos, em e através do temporal, algo de eterno que o penetra, e em e através do empírico, o fundo e o sentido supra-empírico das coisas. São sugestões e presságios de uma realidade misteriosa.

Otto, 2005, p. 189

James (1995) e Jung (2003), enquanto psiquiatras e psicólogos se colocavam, terminantemente, contra a classificação de manifestações paranormais como doenças mentais. Acreditavam, que este tipo de interpretação só era dada pela impossibilidade destes fenômenos serem compreendidos pela restrita ordem do intelecto.

Não acho que todos os relatos dos chamados fenômenos miraculosos (como precognição, telepatia, conhecimento supranormal, etc.) sejam duvidosos. Sei de muitos casos em que não paira a mínima dúvida sobre sua veracidade.

Jung, (12.10.1956), 2003, p.5

As pessoas relatam ocorrências de experiências como: clarividência, clariaudiência, premonição, viagens astrais e telepatia.

Minha mãe e meu pai, eu tive uma burracheira em que eu vi o pai e a mãe na fila para receber o Vegetal e o papai estava ajudando a mãe a carregar um caixão. Perguntei ao mestre X o que era aquilo e ele me disse, que o importante era ver quem é que estava dentro do caixão, mas eu não tinha visto. Pouco tempo depois o meu irmão morreu, e os meus pais vieram para a União. (E)

Eu logo vi que era uma coisa de Deus, não era droga, porque droga eu conhecia, a droga deixa a pessoa fora de si e isso não aconteceu. O que eu tive foi um deslocamento espiritual. (...)Uma coisa que me fascinou muito, foi uma certeza muito forte, como se eu já conhecesse isso, senti muita familiaridade. Eu já procurava há muito tempo ter esse tipo de experiência. Eu li muito Carlos Castañeda e queria experimentar o *peyote*, eu via que ele viajava e eu queria ter os deslocamentos. Quando eu bebi o Vegetal eu consegui ter deslocamentos, ia na minha casa, no trabalho... (D)

De repente, eu me vi fora do meu corpo e começou a passar um monte de coisa, como um filme. Ai eu pensei, “será que tá todo mundo vendo isso tudo, tá todo mundo sabendo de tudo da minha vida?” (E)

Abria os olhos e ouvia uma voz, que saia do arco, muito forte, me explicando o que eu queria saber. (D)

É, uma voz, e eu ainda ouço essa voz. (G)

Eu senti um bem estar, senti um batismo. Quando sentia... vi Jesus, foi um batismo, vi uma gota crescendo no teto e essa gota me molhou toda, senti a minha roupa molhada. O meu irmão estava do meu lado, eu chamei ele e disse que tinha uma goteira no telhado. Ele olhou para cima e disse que não estava vendo nada, foi aí que eu percebi que estava seca. (L)

Alguns dizem já ter vivido episódios paranormais desde a infância. Nestes casos beber o Vegetal não trouxe a descoberta destas habilidades, mas as equilibrou.

Foi através de sonho que me chamou a atenção. Na minha adolescência eu nunca tinha visto uma duna, mas eu sonhei que estava em um lugar com dunas e eu era a responsável pelos preparativos para a chegada do Rei. Anos mais tarde, por trabalho, eu fui para Natal e eu preparava as visitas do governador. Eu ia uma semana antes para preparar... e era próximo de uma duna. (A)

Eu já tinha muita sensibilidade desde criança. Na União sobressaiu mais. Antes eu pensava “porque é que eu recebo aviso, se eu não posso fazer nada?”(E)

Desde que eu tive em coma com 14 anos, o deslocamento era comum. (D)

Uma vez, quando era solteira fui noiva de um rapaz. Aí comecei a sonhar todos os dias que um monte de pessoas mortas iam me buscar. Acordava assustada. Sonhei isso por uma semana seguida. Dormia, acordava e o sonho continuava. Meus pais achavam, que era um pesadelo, que eu estava dormindo de estômago cheio. Parei de sonhar, e uma semana depois o meu noivo morreu afogado. O meu pai reconheceu então, que eu estava tendo alguma intuição de algum lugar. “Tem alguma coisa do outro lado”, ele dizia. (J)

Desde criança eu costumava ter visões e premonições sobre coisas que iriam acontecer a pessoas próximas. Mas, eu não me sentia confortável com esse dom, até entrar para a União. (N)

Outros afirmam que estas faculdades foram despertados pelo Vegetal. Antes de ser reconhecida no meio científico como ayahuasca, o chá recebeu o nome de Telepatina, por atribuírem à substância o poder de facilitar o contato telepático.

Telepatia muitas vezes, incontáveis. Não é uma telepatia dirigida, é pega no ar. Muitas vezes eu ia fazer uma chamada, uma pergunta e uma outra pessoa fazia, e isso tantas vezes não é obra do acaso. (H)

Telepatia! Durante a burracheira, eu sabia o que ele estava pensando. (E)

Até beber o Vegetal nunca havia tido uma experiência extrasensorial, mas depois foi como se um canal se abrisse. Quando minha irmã mais velha engravidou, descrevi direitinho a aparência da minha sobrinha, antes dela nascer. Hoje em dia, ver espíritos e ouvir vozes é uma coisa comum. Tive algumas experiências de telepatia, eu consegui ler a mente de algumas pessoas. (O)

As experiências de regressões à primeira infância são bastante comuns, como já citadas anteriormente. Mas, também são encontrados relatos de regressões até o útero materno.

Fez muita diferença naquela burracheira eu estava querendo mais força, lembrei da minha mãe, e fiz essa viagem, fui lá no útero e lá eu tive a sensação de ter que ser empurrada, colocada para frente. Lembro, que na hora eu pedia à minha mãe que me desse força para sair, mas ela não deu, porque eu nasci de cesárea. E eu pude compreender o que eu estava sentindo, que eu tinha que buscar essa força, em mim mesma. (L)

E finalmente podem acontecer experiências, que as pessoas reconhecem como regressões a vidas passadas. Jung (2002) achava plausível a suposição de que o espírito vivesse várias vidas na matéria.

Posso facilmente imaginar que já vivi em séculos anteriores e ao deparar com perguntas que ainda não posso responder, supor que me é necessário nascer novamente, por não completado a tarefa que me foi imposta. Quando morrer meus atos me seguirão. É, pelo menos o que imagino. Levarei comigo o que fiz, tendo a esperança, contudo, de não chegar ao fim de meus dias com as mãos vazias.

Jung, 2002, p. 275

Estas lembranças podem se apresentar na forma de simples *flashes*, ou histórias longas e complexas.

Da segunda sessão em diante eu entrei no espiritual. Eu tive *flashes* de uma encarnação passada e entendi a fragilidade do ser humano. (F)

Eu acho que é possível sim, se a gente aqui na União vem se recordando, é possível. (...)

Pelo sentimento, a gente sabe quando é. Quando tem dúvida é porque não é. Na dúvida, não ultrapasse. (D)

I am in a bomber over a fire-stormed city at night; I am in a longboat under a sail in a grey sea. I am in a battle, and the thunder outside has become the roar of ordnance. I am deep underground in a filthy trench and there is someone at my side in the corner of my vision. (...) I too am afraid and shake my head in attempt to alter the vision. (...) The thunder and the barrage continue and here I am, back again underground with the companion, watching as those with him up an anxious file beneath the lip of the trench. Someone is coughing uncontrollably. I have a sense that when the guns stop it is the companion, just out of my line of vision, who will give the order to clamber over the parapet into danger. I can taste the fear again in my mouth, as acrid and bitter as the brown liquid I have ingested.¹⁹

Sting, 2004, p.11

As recordações de vidas passadas como todos os outros fenômenos paranormais e visões, que ocorrem na burracheira não se dão a esmo. Quando uma pessoa lembra de algo, isto provavelmente tem alguma utilidade para a sua vida presente.

Na compreensão de Otto a ocorrência de fenômenos paranormais está diretamente ligada ao sentimento religioso. Não os concebe como acontecimentos tão extraordinários e inexplicáveis, eles são o resultado do poder divino, atuando através do ser humano. Quanto mais próxima de Deus estiver a pessoa, mais se abrirá a estas possibilidades.

¹⁹ Este é um trecho da visão de Sting sobre o que poderia ser a lembrança de uma vida passada. O relato na íntegra é extenso e rico em detalhes.

Estas coisas não são, de forma alguma, <<milagres>>; enquanto forças do espíritos, são, de fato, própria e eminentemente <<naturais>>, em pé de igualdade com a nossa própria vontade que governa o nosso corpo. Mas só aparecem manifestamente onde o próprio espírito existe sob a forma e vitalidade superiores; são de prever, sobretudo, onde o espírito está mais estreita e intimamente unido ao seu fundamento eterno, onde nele reside verdadeiramente e, por isso mesmo, adquire a liberdade de exercer plenamente a própria atividade. É por isso que a existência e o aparecimento destas coisas pode também ser um <<sinal concomitante>> que indica este fato e confirma assim o testemunho da pura adivinhação.

Otto, 2005, p. 214

É importante frisar, que a ocorrência de fenômenos paranormais não é um quesito obrigatoriamente presente na experiência da burracheira. Muitos sócios, que bebem o Vegetal há anos nunca tiveram experiências do gênero. Esta capacidade está vinculada a características pessoais.

Nunca mais tive uma intuição, nem bebendo Vegetal. Nunca tive uma burracheira mostrando claramente o que fazer. Fui aprendendo as coisas na burracheira muito devagar, sem grandes revelações, muito tranquilo. (J)

Alguns não desejam passar por tais experiências por não se julgarem preparados.

Não, nunca. Eu peço ao Mestre para que, eu nunca veja nada, eu peço que ele nunca me mostre nada, eu não quero ver, eu não tenho grau para ver.(B)

Os entrevistados relataram com certa frequência casos de aprimoramento e transformação, obtidos em decorrência do contato místico com o sagrado, ou simplesmente pela possibilidade de acessar conteúdos pessoais, dos quais ainda não tinha conhecimento.

...se eu continuasse praticando alguma coisa, isso teria uma consequência, o meu futuro está na construção da minha vida. O sagrado para mim, é a cada dia que eu trabalho para me conhecer. Mas, eu sinto que isso é uma coisa séria, que já vem me acompanhando há muito tempo. (G)

O movimento de interiorização ocasiona o encontro com a sombra, no qual é provável deparar-se com as próprias imperfeições. O reconhecimento destas imperfeições, perante si mesmo e perante o sagrado, pode despertar o impulso de

aprimoramento. Este impulso pode surgir a partir da percepção do amor divino, que inspira os bons atos, como exemplificado por James (1995), ou pelo temor de sofrer a justiça divina, como descrito por Otto (2005). James, nomeia o impulso transformador de santificação, e Otto de *Sanctum*.

Ao reconhecer a sombra, adquire-se a clareza de que muitos dos revezes da vida, na verdade, foram resultantes de escolhas mal feitas e atitudes equivocadas. Desta maneira a pessoa abandona, gradativamente, o lugar de vítima para assumir as conseqüências pelos acontecimentos que se dão em sua vida.

Porque, eu passei sempre a ver as pessoas, como agentes dos meus atos e não como causadoras. A minha conformação nasceu daí, a consciência de que eu era boazinha, mas nem tanto. A vida sempre facilitou muito a minha pretensão, a minha prepotência. (...) O meu Deus, cobrava o mal. Aqui na União, tem um Deus que paga o bem. Antes eu achava, que quando fizesse alguma coisa ruim eu ia para o inferno, agora sei que o que vai acontecer é a colheita dos meus atos. (F)

Esta nova mentalidade é o terreno fértil onde pode nascer o impulso transformador. Um dos ensinamentos mais presentes na UDV é a Lei do Merecimento, análoga à Lei do Carma, difundida por outras religiões espíritas e espiritualistas. Segundo esta lei, a colheita é de acordo com o plantio.

Uma das coisas mais importantes que o Vegetal me mostrou, que me fez baixar a crista, era que tudo o que me acontecia de ruim tinha a minha participação. Foi quando entendi a lei do plantio e da colheita, e aí eu passei a ser mais feliz. (F)

A nova concepção das leis que regem as suas vidas surge a partir do sentimento vivido durante a burracheira. Pode-se perceber nos relatos, que a noção do que é certo ou errado, bom ou mau, se forma a partir do sentimento. É como se o evento místico abrisse uma porta, que permite o acesso à fonte irracional, da moral e da ética. Esta fonte irracional já foi apontada por James, quando diz que a moral, sem o sentimento religioso que a subjaz, é “sentida como um jugo” (1995, p.37). Otto define como “homem moral”, aquele que não conseguiu acessar a fonte divina, que inspira os princípios da ética e da moral (2005, p.78). Jung por sua vez diz, que o homem com sentimentos religiosos presente que “a ética precisa de outro fundamento, diferente daquele que lhe garante a razão” [(12.02.1959), 2003, p.194].

O sentimento é algo que não pode ser explicado, apenas experimentado, deste modo as mudanças ocorridas são percebidas, mas nem sempre são compreendidas pela família, pelos amigos e colegas de trabalho. Em alguns casos, é justamente esta incompreensão, que motiva amigos e parentes a conhecer a UDV e o Vegetal.

Eu vim ver aonde a minha mãe estava se metendo (H)

... quando ele nos falou do Vegetal, já estava na UDV e ele já estava diferente, falando em Jesus, e antes ele não acreditava em nada, dando graças a Deus por conhecer a UDV. (...) Com a mudança do meu filho, eu tive a curiosidade de ver aonde ele estava andando, que ele já estava melhor, e eu gostei da União”. (J)

Eu fiquei e por isso a minha esposa veio. (M)

Finalizando a análise dos depoimentos dos freqüentadores da UDV, percebo que uma questão em comum emergiu em meio a tantos conteúdos únicos e particulares perpassando todos os relatos. As pessoas com as quais conversei, apresentaram como grande ganho pela busca espiritual, o estabelecimento de um rumo a seguir.

Houve uma compreensão mais ampla, mais nítida, mais serenidade, mais luz, mais paciência, mais força.(...) Eu sinto que é um benefício para mim, a União, me dá rumo, me dá forças. (A)

Antes de encontrarem um caminho religioso, que lhes satisfizesse os anseios pareciam sentir-se perdidas e desorientadas. Este sentimento parece ser independente da condição financeira, profissional ou familiar de cada um. Pessoas com condições e estilos de vida diversos apresentam o mesmo discurso.

Na verdade eu estava desorientada em relação à vida. E a União trouxe um resgate, uma luz, uma clareza. (...) Há sempre a oportunidade de a gente renascer com o sol. É um divisor de águas, o antes e o depois, eu me sinto acolhida pelo Mestre. (G)

Eu acho, que o Vegetal aguça, vem afinando. Te dá um sentido das prioridades, das coisas importantes na sua caminhada espiritual. (...) Como a gente é difícil de transformar...

Para pessoas portadoras da demanda numinosa, a aquisição da convicção de estar caminhando na direção certa se dá pela atribuição da origem interna desta diretriz. Orientações, cuja proveniência é percebida como estritamente externa e racional, não são traduzidas em sentimentos. Estas pessoas procuram uma

orientação espiritual, que lhes fale primeiro ao sentimento através da experiência direta. O sentimento é a origem das decisões racionais, e o que lhes confere legitimidade.

Encontrei referências culturais, emocionais e estruturei uma percepção filosófica. Consolidei a minha confiança na humanidade sabendo das imperfeições, sem fanatismo, e um lugar para recuperar forças e energias, e ter orientação. (H)

As pessoas com demanda numinosa, trazem explicitamente em seus depoimentos a necessidade de conferir um sentido maior à existência. Necessitam de algum fundamento superior, que justifique a vida e não se convencem por explicações, que estejam apenas no plano do intelecto. Para estas pessoas, o contato direto com o sagrado, é considerado a oportunidade de encontrar este sentido maior. Sob esta ótica, o momento do transe numinoso de interiorização torna-se valioso e é aceito integralmente, com seus conteúdos desagradáveis e agradáveis, que foram expostos e comentados ao longo deste capítulo.

A União foi um bálsamo, uma oportunidade de ser feliz. (N)

Dou graças à União por tudo o que tenho hoje, trabalho e todas as conquistas, inclusive força, perseverança, paciência e determinação. (O)